

***Sextou! Cinquentou!* Uma análise da formação e uso de verbos denominais no Português brasileiro contemporâneo¹**

***Sextou! Cinquentou!* An analysis of the formation and use of denominal verbs in contemporary brazilian portuguese**

***Sextou! Cinquentou!* Análisis de la formacioón y uso de verbos denominales en el portugués brasileño contemporâneo**



Karine Magalhães Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: karine201296@gmail.com



Maria Alice Mota

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: alicemta@yahoo.com.br



Welber Nobre dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: welbernobre@hotmail.com

Resumo: Considerando que a língua está à disposição das necessidades comunicativas do falante, tratamos, neste artigo, dos processos de formação de novos verbos no português brasileiro contemporâneo, como *sextou*, *sabadou* e *cinquentou*. O nosso objetivo geral é propor uma análise da formação e uso desses neologismos, tendo em vista os padrões morfológicos por meio dos quais esses verbos têm se manifestado e de que modo eles podem atuar num viés linguístico-pragmático (ILARI; BASSO, 2014). Concluímos que esses verbos, por meio da sua estrutura, têm

¹ Este artigo é um recorte da monografia intitulada *Sextou! Cinquentou! Uma análise sincrônica da formação e uso de verbos denominais na língua portuguesa*, defendida por Karine Magalhães Oliveira, em setembro de 2020, no âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), sob orientação da Prof. Dr.^a Maria Alice Mota.

representado o dinamismo da língua em face à vida cotidiana, o que revela o seu caráter morfopragmático.

Palavras-chave: Morfologia. Verbos denominais. Português brasileiro contemporâneo.

Abstract: Considering that the language is available to the communicative needs of the speaker, in this paper we deal with the processes of formation of new verbs in contemporary Brazilian Portuguese, such as *sextou*, *sabadou* and *cinquentou*. Our general goal is to propose an analysis of the formation and use of these neologisms, in view based on the morphological patterns through which these verbs have been manifested and how they can act in a linguistic-pragmatic bias (ILARI; BASSO, 2014). We conclude that these verbs, through their structure, have represented the dynamism of the language in the face of everyday life, which reveals its morphopragmatic character.

Keywords: Morphology. Denominative verbs. Contemporary Brazilian Portuguese.

Resumen: Teniendo en cuenta que el idioma está disponible para las necesidades comunicativas del hablante, en este artículo tratamos los procesos de formación de nuevos verbos en el portugués brasileño contemporáneo, como *sextou*, *sabadou* y *cinquentou*. Nuestro objetivo general es proponer un análisis de la formación y uso de estos neologismos, a la vista de los patrones morfológicos a través de los cuales se han manifestado estos verbos y cómo pueden actuar en un sesgo lingüístico-pragmático (ILARI; BASSO, 2014). Concluimos que estos verbos, a través de su estructura, han representado el dinamismo del lenguaje frente a la vida cotidiana, lo que revela su carácter morfopragmático.

Palabras clave: Morfología. Verbos denominativos. Portugués brasileño contemporáneo.

Submetido em 18 de maio de 2021

Aceito em 24 de novembro de 2021

Publicado em 29 de março de 2022.

Introdução

Ao nos depararmos com a língua em seu uso efetivo nas práticas sociais, podemos observar o seu movimento dinâmico de remodelagem, já que palavras novas são formadas e incorporadas ao léxico comum a fim de suprir as necessidades comunicativas do indivíduo. Nesses moldes, considerando essa dinamicidade que é inerente aos processos linguísticos, propomos um estudo cujo foco é o processo de formação de novos verbos no português brasileiro contemporâneo.

Tendo em vista esse domínio temático, o nosso objetivo geral é fazer um estudo sobre os padrões de formação e de uso de alguns verbos que vêm surgindo atualmente no âmbito do PB, como *sextou*, *sabadou* e *cinquentou*, por exemplo, que consideramos como verbos denominais, adotando o conceito de *nome* proposto por Câmara Júnior (1986). Para esse fim, traçamos dois objetivos específicos, a saber: i) analisar a estrutura de formação de alguns verbos denominais que têm surgido no PB contemporâneo cuja matriz são os numerais ou os lexemas referentes aos dias da semana, como *domingou*, *segundou*, *terçou*, *quartou*, *quintou*, *sextou* e *sabadou*; e ii) discutir o funcionamento desses verbos sob um prisma linguístico-pragmático, tomando como parâmetro de análise a proposta teórica de Ilari e Basso (2014), visto que esses autores apresentam oito funções que os verbos podem exercer numa abordagem que extrapola os moldes formais da gramática normativa, que têm como foco somente a estrutura da língua desvinculada do seu uso real. Vejamos os exemplos abaixo de usos desses verbos denominais em anúncios publicitários que extraímos da internet.

Figura 1 – Verbo *Terçou*



Fonte: <https://www.foodyas.com/BR/Viam%C3%A3o/112646100289679/Rei-do-Bauru-Viam%C3%A3o>. Acesso em: 04 set. 2020.

Figura 2 – Verbo *Segundou*



Fonte: <https://wopita.com/tag/coxinha>. Acesso em: 04 set. 2020.

Tendo delineado esses objetivos, partimos da hipótese de que, no processo de formação desses verbos, como nas figuras 1 e 2 (*terçou* e *segundou*, respectivamente), além de fatores estruturais,

no nível da morfologia, também há fatores linguístico-pragmáticos que estão envolvidos no processo comunicativo. Em outras palavras, esses verbos vêm assumindo flexões gramaticais inerentes ao paradigma de conjugação da língua portuguesa e tais estruturas representam a dinâmica do cotidiano das pessoas, já que são usadas para revelar as atividades corriqueiras dos indivíduos, numa associação entre morfologia e contexto social de uso, num viés morfopragmático.

Em face a essa hipótese, a pergunta científica que norteia este nosso estudo é: quais são os aspectos morfológicos e pragmáticos que estão envolvidos no processo de formação e no uso de verbos como *sextou*, *sabadou* e *cinquentou*? A fim de responder a essa pergunta e realizar as nossas análises, tomamos como aporte teórico as contribuições de gramáticos tradicionais (BECHARA, 2009; CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2001) e de linguistas (CÂMARA JR., 1986; ILARI; BASSO, 2014).

Quanto à metodologia, a análise que apresentamos é de cunho qualitativo-interpretativo, utilizando-se um *corpus* formado a partir de anúncios publicitários que selecionamos por meio de buscas no *Google Images*. Vale ressaltarmos que não nos atermos a detalhes relacionados a esse gênero textual e suas possíveis relações com nosso objeto de estudo. A nossa opção por analisar esses verbos denominais em anúncios publicitários se justifica em função do fato de que esse gênero textual-discursivo tem se mostrado propício à utilização dessas formas verbais, conforme observamos em nossas buscas.

Acreditamos que a importância deste nosso estudo reside no fato de lidar com a língua efetiva, considerando a dinamicidade do léxico e a forma como ele se revela cotidianamente nas práticas sociais. Além disso, acreditamos na necessidade de sempre ir além dos parâmetros propostos pela gramática tradicional, já que, mesmo tendo sua importância e objetivos próprios, deixa lacunas no tratamento da língua em sua dimensão variável.

Estruturamos este artigo da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos o aporte teórico do qual nos valem neste traba-

Iho. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos que adotamos para alcançar nossos objetivos. Por fim, fazemos a análise e discussão dos dados e tecemos breves considerações finais em relação ao objeto de estudo.

Pressupostos teóricos

A sociedade está em permanente mudança e, conseqüentemente, apresentando constantes inovações. Nesse viés, a língua, como manifestação cultural de uma determinada comunidade, caracteriza-se por ser, também, inovadora. Verifica-se constantemente, por exemplo, a criação de novas palavras para suprir as necessidades comunicativas dos usuários numa realidade que se mostra bastante dinâmica. Entre as categorias dessas novas palavras que são formadas, estão os verbos. Dessa forma, os usuários da língua lançam mão das estruturas lexicais disponíveis e já conhecidas para criar formas linguísticas inovadoras, como os verbos denominais, o nosso objeto de estudo neste artigo.

O dinamismo da língua: a renovação do léxico e a formação dos neologismos

Conforme Faraco (2019, p. 35), “uma língua é, na verdade, uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais”. Para o autor, é esse complexo de elementos entrecruzados que leva os falantes a identificarem suas variedades linguísticas como constitutivas de uma língua determinada. Nesse sentido, Faraco (2019) afirma que a variação e mudança são inerentes a qualquer realidade linguística e que, muitas vezes, esses processos de variação e mudança na língua passam a ser considerados como deterioração, corrupção e depreciação de uma língua tida como “verdadeira”, sendo alvo de rejeição, desprestígio ou estigma social.

Bagno (2009) afirma que a língua é uma instituição social, ou seja, ela é parte integrante da vida em sociedade. Em função disso, as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos, de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

Bechara (2009, p. 351) discorre sobre a renovação do léxico no trecho a seguir:

A múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunidade de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora possam permanecer em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações dele originais.

Ainda conforme o autor, assim como nas demais formações de palavras, o que decorre desse processo é o acréscimo de prefixos e sufixos a palavras já existentes que acabam por transformar o significado usual, dando ressignificação ao léxico da língua (BECHARA, 2009). Por esse ângulo, a gramática do uso é dinâmica, aberta às possibilidades formais, dentro daquilo que é licenciado pelo sistema linguístico.

Segundo Cegalla (2008, p. 607), o neologismo é uma “palavra ou expressão nova que entra em circulação na língua”, compreendendo que essas novas palavras apenas surgem e não necessaria-

mente têm caráter novo ou de atribuição a uma palavra pré-existente, o que converge com a concepção de Ferreira (2004), o qual afirma que os neologismos são novas expressões de uma determinada língua com caráter novo dada a uma palavra já existente.

Numa perspectiva da linguística moderna, a atividade constante de interações sociais é o maior facilitador para a criação de novos termos dentro das línguas, já que são nessas interações que a língua ganha vida. Sendo assim, é em meio às práticas cotidianas, nos contextos efetivos de comunicação que as palavras nascem e vão se adequando ao sistema da língua, satisfazendo os interesses dos seus usuários e revelando a dinâmica social.

Buscando atender às necessidades culturais de adaptação da comunicação, as palavras vão ao encontro das necessidades que amparam as transformações e relações humanas. Nesse viés, “a língua expressa a cultura: ela [...] dá materialidade sígnica às práticas culturais, permitindo que os grupos humanos criem os universos de significações com os quais interpretam sua existência” (FARACO, 2019, p. 52). Portanto, se a língua é dinâmica e está relacionada à cultura de um povo, o surgimento das palavras, os neologismos, é um resultado nítido dos reflexos sociais que estão entrelaçados às práticas comunicativas do indivíduo na sociedade.

O verbo segundo a Tradição Gramatical

O termo *verbo* remonta à Antiguidade Clássica. Para os filósofos Cícero e Varrão, o verbo tinha a função de designar a palavra, uma vez que, no latim, *verbo* significa “palavra”. Já para Aristóteles, o verbo seria a palavra que tem a função, na sentença, de portar a noção temporal (ILARI e BASSO, 2014).

Freitas (2019, p. 67) afirma que, ainda hoje, definir a palavra verbo não é uma tarefa simples, pois “dependendo do ponto de vista de que se observa, depreende-se uma função diferente que essa palavra executa na língua”. Assim, nos termos da autora, para

se falar sobre o verbo, é necessário ter-se em mente que a função dessa classe de palavra dependerá do seu uso nas diferentes situações comunicativas.

Vejam, a seguir, como o verbo é considerado, na contemporaneidade, por alguns gramáticos.

Para Cegalla (2008), os verbos são palavras que exprimem uma ação, um estado, um fato ou um fenômeno. Acrescenta que os verbos representam uma das maiores classes gramaticais em número de palavras. Sua atribuição está ligada à denotação de ações, podendo ser separados em três conjugações: 1.^a, 2.^a e 3.^a, de acordo com as terminações, respectivamente, *ar*, *er*, *ir*.

Para Cunha e Cintra (2001, p. 378) “o verbo é uma forma variável que exprime o que se passa, um acontecimento representado no tempo”. Conforme Freitas (2019), essa definição, embora simplista, serve aos objetivos dos gramáticos, que é mostrar morfológicamente o aspecto-flexional dos verbos. Já na concepção de Bechara (2009, p. 209), um verbo constitui-se “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

Mesmo admitindo, conforme já referido, não ser uma tarefa fácil definir o termo verbo, Freitas (2019) defende ser necessária uma maior precisão nessas definições, com a análise de cada caso, visto que a definição poderá ser feita tendo em vista diferentes aspectos, quais sejam: morfológico, sintático, semântico, pragmático etc., e que as definições para o termo verbo propostas pela gramática tradicional apresentam lacunas e inconsistências.

Dessa forma, com o objetivo de preencher essas lacunas, a referida autora define o verbo como sendo “uma palavra variável que pode ser flexionada em: tempo gramatical, aspecto, modo, número e pessoa e expressa estados e eventos” (FREITAS, 2019, p. 47).

Já sobre a formação dos verbos na língua portuguesa, Cegalla (2008, p. 109) afirma que “os sufixos verbais se agregam, via de

regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos”, como em (1) e (2):

1) cruzar - cruz (radical substantivo) + **ar** (sufixo);

2) dignificar - digni (radical adjetivo) + **ficar** (sufixo);

Cunha e Cintra (2001) afirmam que os verbos da língua se formam, em geral, pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Acrescentam que a terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída de vogal temática *-a*, característica dos verbos da 1.^a conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal. Registram ainda que, de forma geral, a terminação *ar* é a que mais possibilita a criação de novas palavras dentro dessa classe, bastando que se juntem a um substantivo ou a um adjetivo.

Ainda conforme Cunha e Cintra (2001), outra forma de criar novos verbos é a partir do acréscimo de desinências na 2.^a conjugação, no entanto o único sufixo capaz de criar essas novas palavras seria o *-ecer*, que são característicos dos incoativos, ou seja, aqueles que indicam o começo de um estado ou seu desenvolvimento, como em (3) e (4):

3) favorecer - favor (radical substantivo) + **ecer** (sufixo)

4) umedecer - umed (radical adjetivo) + **ecer** (sufixo)

Bechara (2009), sobre a formação dos verbos, separa os sufixos em categorias, a saber: 1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo): *-ant* (ar): quebrantar; *-it* (ar): periclitar, debilitar; *-iz* (ar): civilizar, humanizar, realizar; 2) A fim de indicar ação repetida (verbos frequentativos): *-aç* (ar): espicaçar, adelgaçar; *-ej* (ar): mercadejar, voejar; 3) Com o intuito de indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos): *-it*(ar): saltitar, dormir; 4) Para indicar início de ação ou passagem para

um novo estado ou qualidade (verbos incoativos): -ec (er): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer; esc (er): florescer.

Apesar da complexidade que envolve as definições do termo verbo, a sua estrutura básica é relativamente simples, resumindo-se a:

R + VT + DMT + DNP

(radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal)

Exemplo: cant + a + sse + mos

Sendo assim, a fim de não nos delongarmos demasiadamente, propomos, a partir das contribuições dos gramáticos citados, que o verbo é uma unidade lexical que é utilizada pelo falante quando este deseja designar uma ação, estado, fenômeno da natureza ou processos. Entendemos, assim, que o verbo é uma palavra que pode ser conjugada, ou seja, abarca flexões relacionadas ao *número, pessoa, tempo, modo e voz*, pelos ditames da gramática tradicional. Tratemos agora, especificamente, dos verbos denominais.

Os verbos denominais e sua estrutura de formação

Nos moldes tradicionais, Bechara (2009) afirma que os verbos denominais são aqueles que:

1. são formados por derivação sufixal (substantivo + sufixo):

- a. perfume + -ar > perfumar
- b. esquema + -izar > esquematizar
- c. salto + -itar > saltitar

II. são formados por derivação parassintética (prefixo + substantivo + sufixo):

- a. en-+tarde+-ecer > entardecer

- b. en-+caixote+-ar > encaixotar
- c. a-+conselho+-ar > aconselhar

Já Bassani (2009), por seu turno, afirma que os verbos denominais são aqueles derivados a partir de um *nome*, considerando como nome as categorias substantivo e adjetivo. Logo, o processo de formação dos verbos denominais acontece mediante:

I. a junção de um nome + vogal temática verbal (a, e, i) + marca de flexão de infinitivo (r).

- a. perfum + a + r > perfumar

II. a junção de um nome + a adição de uma marca finita, quando esse verbo se apresenta flexionado.

- perfume + ei > perfumei

III. também pode ocorrer a partir do acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) chamados “verbalizadores” a um substantivo.

- a. amanh + ec + er > amanhecer
- b. cristal + iz + ar > cristalizar

Assim sendo, apresentamos a seguir algumas concepções de nome, tendo em vista o processo de formação de novos verbos.

Retomando as concepções do termo nome no processo de formação dos verbos

Conforme verificamos, ao conceituar os verbos denominais, os autores tomam o *nome* com concepções diferentes. Bechara (2009) considera o *nome* como sendo representado pela categoria substantivo. Bassani (2009), por sua vez, afirma que o *nome* abarca duas categorias: o substantivo e o adjetivo.

Já em relação a essas duas concepções, Câmara Júnior (1986, p. 177) apresenta uma definição de *nome* que abarca outras ca-

tegorias. Para esse autor, o nome é “um grupo de palavras que se opõe ao verbo pelo valor estático dos seus semelhantes [...]”. Ou seja, o *nome* representa as “coisas”, as quais podem representar seres concretos ou abstratos, já os verbos representam “processos”, quer sejam ações, quer sejam estados, permanentes ou transitórios. Assinala ainda que, na língua portuguesa, os nomes se caracterizam morfologicamente pela possibilidade de indicação de gênero e do número plural com a desinência -s. Acrescenta o autor que aqueles que consideram o adjetivo como uma categoria independente é que “reservam o termo nome para o substantivo” (p. 177).

Os verbos numa perspectiva linguística

Conforme já referido, a denominação “verbo” remonta aos romanos e já pode ser encontrada, por exemplo, em Cícero e Varão. No latim, *verbum* significava “palavra”, independentemente da classe morfossintática. Segundo Ilari e Basso (2014), parece que a escolha dessa denominação para indicar a classe morfossintática que ainda hoje denominamos “verbo” queria expressar a ideia de que esse elemento formal é a “palavra por excelência”, o que se justifica no fato de que, nas línguas clássicas, o verbo apresentava um paradigma flexional vasto e bem definido.

Historicamente, o estudo dos verbos se associa, em grande parte, ao problema de explicar as suas flexões. Em função disso, nas gramáticas tradicionais, tendo-se em vista os objetivos a que se prestam, há uma preocupação com a realidade estritamente formal desses itens, tratando os verbos somente do ponto de vista do *tempo, modo, voz e pessoa*, abordagem que dá conta da riqueza do paradigma da conjugação verbal em muitas línguas indo-europeias (ILARI e BASSO, 2014).

Entretanto, cientes de que as explicações tradicionais têm o seu valor, é preciso admitir que o papel que o verbo desempenha na oração, no discurso e na comunicação abarca uma complexi-

dade bem maior do que essas explicações formais (ILARI e BASSO, 2014). Nesse sentido, os verbos exercem funções que não se prendem somente à flexão, mas ao seu significado em situações concretas de uso da língua.

Ilari e Basso (2014) apresentam oito funções para o verbo a partir da premissa de que não se trata somente de um elemento com propriedades formais, mas uma palavra que opera linguística e discursivamente em meio ao dinamismo da língua. Os verbos não se restringem a ações, estados e fenômenos naturais, mas refletem, também, as relações entre as práticas sociais e a forma como o falante dispõe desses recursos em meio a essas práticas. Nesses moldes, descrevemos, a seguir, as funções do verbo conforme a perspectiva de Ilari e Basso (2014), uma proposta teórica que se filia à corrente funcionalista. Por uma questão didático-metodológica, optamos por realizar essa descrição por meio do quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - As funções do verbo conforme Ilari e Basso (2014)

Nº	Descrição da função
01	“Molde” ou “Matriz” para a construção de sentenças: ² Pela significação que comporta como unidade lexical, todo verbo proporciona o que poderíamos chamar de “molde” ou “matriz” para a construção de sentenças . Tais sentenças preenchem certos espaços previsíveis a partir do verbo e caracterizam conceitualmente certo “estados de coisas”, possivelmente reais.
02	Estabelecer certa perspectiva: É, ainda, próprio do verbo, como unidade lexical, estabelecer certa perspectiva segundo a qual será conceitualizado o estado de coisas descrito, e antecipar quais dos participantes da ação serão necessariamente expressos. Isso quer dizer que podemos usar verbos diferentes para descrever o mesmo estado de coisas, algo que tem a ver com a realidade dos fatos. Por outro lado, a depender da maneira como o verbo é usado, a perspectiva muda, mesmo que a realidade representada continue sendo a mesma. Se dissermos <i>João Bateu em Pedro</i> ou <i>Pedro apanhou de José</i> , trata-se de um mesmo evento, mas a perspectiva muda.
03	Considerar a categoria gramatical de pessoa: A categoria de pessoa é uma categoria dêitica que tem a tarefa de identificar os participantes referidos na sentença com base nos papéis que eles assumem na enunciação em curso. Nesse sentido, não se trata somente de primeira, segunda e terceira pessoas num viés tradicional, mas do aqui e agora de uma enunciação, ou seja, não se pode definir a pessoa de uma expressão linguística sem verificar o tipo de ligação que ela mantém com os papéis definidos pelo ato de fala.

² As nomenclaturas e expressões que estão em negrito no quadro 1 são da autoria de Ilari e Basso (2014). Por isso, optamos por destacá-las assim.

04	O verbo transmite, por meio de suas flexões, algumas informações de tempo: É antiga a consideração de que é no verbo em que se encontram as informações referentes ao <i>tempo</i> . Conforme Ilari e Basso (2014), quando os linguistas falam de tempo, eles não pensam em tempo físico, mas em localizar os estados de coisas como simultâneos, anteriores ou posteriores ao momento de fala, ou a algum momento ao qual o contexto linguístico deu saliência. Isso quer dizer que <i>tempo</i> é uma informação tipicamente dêitica, isto é, que toma por base a enunciação, ou uma informação <i>anafórica</i> , quando utilizamos informações presentes no mesmo texto.
05	Atribuir (ou não) às ações que descrevem uma estrutura interna constituída de momentos qualitativamente diferentes: Nesse ponto de vista, a principal diferença entre as ações é que algumas têm, como parte própria e previsível, uma conclusão de um certo tipo. Se uma pessoa diz: <i>Este carro está sendo levado para a oficina</i> , essa ação representada findará no momento em que o carro chegar à oficina. Agora, se a frase for: <i>O carro está na oficina</i> , não há um fim previsível. Outra diferença é que alguns verbos exprimem ações pontuais, ao passo que outros exprimem uma ação duradoura.
06	As desinências verbais fornecem pistas em relação ao aspecto verbal: O aspecto considera a ação verbal do ponto de vista da duração. Para isso, há uma oposição aspectual que é clássica no português moderno: imperfeito e o perfeito do indicativo. O primeiro quer dizer que se trata de uma ação em curso, ou seja, inacabada. O segundo é aplicado aos casos em que a ação se encontra acabada. Aqui não é uma questão de tempo (quando aconteceu), mas o processo da ação verbal em curso.
07	O verbo, por meio de suas desinências, revela informações de caráter modal: O verbo apresenta informações que se referem ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos. Essa função verbal está relacionada aos modos <i>indicativo, subjuntivo e imperativo</i> .
08	O verbo tem a opção de voz: Para Ilari e Basso (2014), a voz tem a ver com a possibilidade de colocar em evidência (no centro da atenção, como se tem dito) ora este ora aquele participante do processo expresso pelo verbo. Os autores acreditam que esse ponto de vista apresentado por eles é mais abrangente do que aquele que é proposto pelas gramáticas tradicionais, já que permitirá perceber que há fenômenos de voz mesmo em sentenças nas quais ninguém pratica uma ação ou sofre seus efeitos.

Fonte: elaborado a partir de Ilari e Basso (2014, p. 66-69)

Essas funções que Ilari e Basso (2014) apresentam para os verbos são muito importantes para refletirmos sobre esses elementos numa perspectiva linguística, já que a proposta desses autores não se limita aos ditames da gramática tradicional, que analisa os verbos somente do ponto de vista formal, considerando suas flexões. Conforme já foi dito, não estamos desprezando as contribuições da gramática tradicional, já que ela tem os seus objetivos e a sua importância. O que pretendemos, ao abordar a proposta de Ilari e Basso (2014), é ir além de uma abordagem meramente formal, considerando os objetivos deste artigo. Entendemos que

essas oito funções que os autores apresentam dão conta do uso dos verbos num viés pragmático, já que considera a enunciação, isto é, todo o contexto comunicativo.

A seguir, apresentamos a Metodologia que utilizamos neste estudo.

Procedimentos metodológicos

Neste artigo, valemo-nos de uma metodologia qualitativa ancorada na proposta teórica de Ilari e Basso (2014), a qual consiste na apresentação de oito funções que os verbos podem exercer numa perspectiva linguística (Cf. quadro 1). Desse modo, tendo em vista que se trata de um objeto de estudo ainda pouco explorado no português brasileiro, buscamos, em alguma medida, tecer reflexões acerca dos verbos denominais em análise (*sextou*, *sabadou* etc.) a partir da teoria proposta pelos referidos autores, considerando-a como adequada à análise desse objeto de estudo linguístico.

Escolhida a proposta teórica basilar do nosso estudo, selecionados, no *Google Images*, 11 anúncios publicitários em que verificamos a presença de verbos denominais provenientes dos lexemas que nomeiam os dias da semana ou de algum numeral (Cf. figuras 1 e 2). Após a seleção desses textos, que fizemos por meio da utilização de palavras-chave: *segundou*, *terçou*, *quartou* etc., buscamos analisar de que maneira as funções dos verbos nos moldes propostos por Ilari e Basso (2014) estavam presentes no uso desses neologismos verbais.

Análise e discussão dos dados

Nesta seção, analisamos, tomando como base a proposta teórica de Ilari e Basso (2014), os processos de formação e de uso

dos verbos denominais, que se constituem nosso objeto de estudo neste artigo, como *sextou*, *cinquentou* e *segundou*, que aparecem nas figuras 3, 4 e 5, a seguir:

Figura 3 – Verbo *Sextou*



Fonte: Disponível em: <https://www.squaris.com.br/single>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Figura 4 – Verbo *Cinquentou*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Figura 5 – Verbo *Segundou*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/espacofitsaj/photos/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Consideramos que neologismos verbais como *sextou*, *cinquentou* e *segundou*, como nas figuras 3, 4 e 5, são criados para atender às necessidades comunicativas dos usuários da língua.

Ao formar esses neologismos, à primeira vista, pode parecer que o usuário da língua está transgredindo as regras do processo de formação dos verbos, contribuindo, assim, para o caos linguístico, já que a estrutura de formação usa um numeral como base que se junta a uma desinência verbal. Todavia, ao tomarmos a concepção de Câmara Júnior (1986) para o termo *nome*, veremos que o numeral é uma categoria que o *nome* abarca. Para esse autor, “o numeral é uma espécie do nome que indica o número de seres [...]” e que pode variar em gênero e número. Assim, considerando a concepção de *nome* proposta por esse autor, colocamos esses verbos na categoria dos verbos denominais.

Portanto, tomando a consideração de Bassani (2009), quando afirma que se pode formar um verbo pela junção de um nome a uma marca finita, que é quando esse verbo se apresenta flexionado, temos:

a. sext + ou > sextou (nome + desinência) (Cf. figura 3)

b. cinquent + ou > cinquentou (nome + desinência) (Cf. figura 4)

c. segund + ou > segundou (nome + desinência) (Cf. figura 5)

Portanto, verificamos que tais verbos não foram formados aleatoriamente, mas seguindo as regras previstas para a formação dos verbos.

Numa perspectiva da Linguística e tendo em vista as funções do verbo propostas por Ilari e Basso (2014), a seguir, passaremos à análise do uso dos verbos denominais tais quais os que aparecem em:

a. Sextou e nós estamos assim! (Cf. figura 3)

b. CinquentouuuUUU! (Cf. figura 4)

c. #Segundou! (Cf. figura 5)

Conforme já referido anteriormente, a nossa opção pela proposta de Ilari e Basso (2014) se deve ao fato de ser uma proposta elaborada dentro da perspectiva linguística, sendo assim, não se limita aos ditames da gramática tradicional, a qual analisa os verbos somente do ponto de vista formal, considerando suas flexões. Vale ressaltar que, reconhecendo as contribuições da Gramática Tradicional, almejamos ir um pouco adiante em relação à abordagem meramente formal, tendo em vista o nosso objeto de estudo e os objetivos que delineamos a fim de analisá-lo. A seguir, exploramos as possibilidades de análise dos verbos denominais em estudo a partir das oito funções que Ilari e Basso (2014) propõem para os verbos.

1 “Molde” ou “Matriz” para a construção de sentenças

Considerando que, pela significação que comporta como unidade lexical, todo verbo proporciona o que poderíamos chamar de “molde” ou “matriz” para a construção de sentenças e que tais sentenças preenchem certos espaços previsíveis a partir do verbo e caracterizam conceitualmente certo “estados de coisas”, possivelmente reais, observamos que os verbos analisados não só exercem a função de matriz da construção da sentença (cf. figura 3) como também poderão constituir a própria sentença, sendo único elemento (cf. figuras 4 e 5).

Na figura 3, um anúncio publicitário da *Quaris Embalagens*, o produtor desse anúncio elabora um período composto por coordenação (*Sextou e nós estamos assim*) que é moldado a partir do verbo *sextou*. Percebemos que a utilização desse verbo denominal, derivado do primeiro elemento de *sexta-feira*, que é nome composto, nomeia um estado de coisas que é inerente ao dia da semana em que esse anúncio foi publicado. Esse fato nos parece interessante, já que uma determinada realidade não é nomeada por meio de um nome propriamente dito, mas por meio de um verbo denominal proveniente do primeiro elemento de *sexta-feira*, que, na realidade, é um numeral.

Ainda vale dizer é que o verbo *sextou* está conjugado na 3.^a pessoa do singular, o que levaria a uma construção do tipo *ele/ela sextou*. No entanto, pragmaticamente e pela forma como esses verbos têm sido usados no cotidiano pelas pessoas, inferimos que a desinência *-ou*, nesse contexto, é pouco significativa se atentarmos somente para a sua morfologia, já que o que esse verbo representa, de fato, é um dia da semana e a sua dinâmica social. Em outras palavras, propomos a seguinte construção: (*Hoje*) é *sexta-feira e nós estamos assim!* Notamos que essa construção possui um maior grau de formalidade e talvez não surtiria o mesmo efeito pragmático-discursivo no receptor do anúncio, ao passo que *sextou* é menos formal, possui um maior teor de criatividade e revela o dinamismo do léxico.

Na figura 4, há um anúncio de uma faculdade em que se oferece um desconto de cinquenta por cento em cursos de graduação. O produtor do anúncio utiliza o verbo *cinquentou* de uma forma lúdica (CINQUENTOUUUUUUU!!!) e conjugado na 3.^a pessoa do singular, para representar um desconto financeiro que é ofertado pela faculdade. Mesmo sendo conjugado, não há uma pessoa específica que esteja praticando a ação de *cinquentar*, o que chama a nossa atenção. Desse modo, novamente, o verbo é utilizado como uma matriz para a construção de sentença, conforme proposto por Ilari e Basso (2014), preenche determinados espaços que são mais do que espaços linguísticos, mas pragmáticos, e dá conta de caracterizar um determinado estado de coisas.

Na figura 5, anúncio da *Academia EspaçoFit*, há o uso do verbo *segundou*, também conjugado na 3.^a pessoa do singular, a fim de motivar as pessoas a iniciarem a sua semana de uma maneira diferente, ou seja, fazendo atividade física. Pragmaticamente, a segunda-feira sempre foi tida como um dia que representa o início, uma nova oportunidade cronológica para recomeçar. Aqui, assim como nas figuras 3 e 4, temos um verbo denominal que representa a ação de viver um dia da semana naquilo que ele proporciona em sua materialidade e, ao mesmo tempo, também nomeia um determinado estado de “coisas” por meio de uma construção oracional. Isso revela o dinamismo da língua, pois um verbo é construído a partir de um nome e foge aos parâmetros da gramática normativa, já que não indica nenhum tipo de ação específica que é realizada por um sujeito gramatical, pois o que é *segundar*? Viver a segunda-feira naquilo que ela proporciona, sem identificar atitudes específicas.

Portanto, percebemos que os anúncios 3, 4 e 5 revelam que os verbos denominais *sextou*, *cinquentou* e *segundou* estão adquirindo as flexões morfológicas dos verbos convencionais da língua portuguesa, já que aparecem conjugados na 3.^a pessoa, e são moldes para a elaboração de sentenças, tomando como base a proposta de Ilari e Basso (2014) para os papéis linguísticos dos verbos.

2 Estabelecer certa perspectiva

De acordo com Ilari e Basso (2014), o verbo, como unidade lexical, exerce a função de estabelecer certa perspectiva e, dependendo de como o verbo é usado, a perspectiva muda, mesmo que a realidade representada continue sendo a mesma. Vejamos as figuras 6 e 7:

Figura 6 - Verbo *Terçou*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/acaiciarp/posts/2349367375168128/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Figura 7 - Uso do nome *terça-feira*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/alohaacailavras/photos/barato-do-dia-ter%C3%A7a-%EF%B8%8Fmorange-leite-em-p%C3%B3-leite-condensado-classico-tasty-delicin/1883870638375899/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Inicialmente, vamos comparar o uso do verbo *terçou* (figura 6) e de *terça-feira* (figura 7). Essa comparação mostra para nós que o verbo denominial dá conta de fazer menção ao dia da semana de uma forma lúdica e dinâmica, oferecendo o mesmo produto, que é o açaí, e em ambientes comerciais diferentes. No entanto, em relação ao grau de formalidade, notamos que o uso do verbo *terçou*, na figura 6, apresenta um ambiente linguístico mais descontraído, menos formal, e de uma maneira mais simples consegue atingir o mesmo objetivo do anúncio 7, que, por utilizar o dia da semana, *terça-feira*, é mais convencional e apresenta mais formalidade.

Em relação ao estabelecimento de perspectiva segundo a qual será conceitualizado o estado de coisas que está sendo descrito e quais os participantes da ação que serão expressos na materialidade linguística (ILARI e BASSO, 2014), percebemos que, no uso desses verbos, como *terçou* no anúncio 6, não há, ao nível do texto, um sujeito específico que esteja, por exemplo, praticando a ação de *terçar*.

3 O verbo transmite, por meio de suas flexões, algumas informações de tempo

Conforme Ilari e Basso (2014), quando os linguistas se referem à categoria tempo, não estão se referindo a um tempo físico, mas a um tempo cujo papel é localizar os estados de coisas como simultâneos, anteriores ou posteriores ao momento de fala, ou a algum momento ao qual o contexto linguístico quer salientar. Vejamos a figura 8.

Figura 8 – Verbo *Segundou*



Fonte: Disponível: <https://www.cacador.net/noticias/geral/2020/04/05/almoco-segundou-com-aquela-preguicinha-de-cozinhar-47923>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Assim, trata-se de uma informação dêitica, isto é, que toma por base a enunciação, ou uma informação *anafórica*, ao utilizarmos informações presentes no mesmo texto. Portanto, o tempo pretérito usado no verbo denominial *segundou* tem a função de mostrar o acontecimento, o evento, e não um tempo físico de uma ação passada. Na figura 8, que é um anúncio publicitário de marmitas, o verbo *segundou*, mesmo estando conjugado no pretérito, pragmaticamente, não obedece a desinência que aparece em sua estrutura, já que tal neologismo verbal foi usado não com o intuito de indicar uma ação que já aconteceu, mas localizar um evento num determinado dia da semana e está dentro de um contexto de interrogativa retórica, de modo que o produtor do anúncio sugere que se trata de uma segunda-feira e interpela o público alvo a adquirir o produto, que são as marmitas.

4 Atribuir (ou não) às ações que descreve uma estrutura interna constituída de momentos qualitativamente diferentes

Para Ilari e Basso (2014), alguns verbos exprimem ações pontuais, ao passo que outros exprimem uma ação duradoura.

Figura 9 – Verbo *Segundou*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/academiaHalterAcao/photos/a.149404785178648/2117967528322354/?type=3>. Acesso em: 20 ago. 2020.

No exemplo 9, temos o uso do verbo denominal *segundou*. Como se trata de um anúncio publicitário, supomos que esse verbo foi utilizado, assim como nos exemplos anteriores, como uma estratégia argumentativa. Gramaticalmente, conforme já dito, mesmo estando conjugado na 3ª pessoa do singular e no pretérito, essa formação neológica extrapola esses padrões formais do ponto de vista da língua em uso, já que representa uma ação pontual e não um acontecimento passado, indicado pela desinência modo temporal *-ou*. Assim, tomando a proposta de Ilari e Basso (2014), é um uso que extrapola os padrões formais e revela a renovação do léxico em sua dinamicidade constante.

5 As desinências verbais fornecem pistas em relação ao aspecto verbal

O aspecto considera a ação verbal do ponto de vista da duração. Tomemos o exemplo a seguir.

Figura 10 – Verbo Quartou



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ranchodoarguile/photos/quartou-no-rancho-sess%C3%A3o-zomo-por-apenas-r1000-reais-consultar-sabores-dispon%C3%ADve/1039758982888834/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Os verbos aqui analisados são usados no pretérito perfeito, em que a ação se encontra acabada. Aqui não é uma questão de tempo (quando aconteceu), mas do processo da ação verbal em curso. No anúncio 10, o produtor usa o verbo denominial quartou a fim de apresentar uma promoção de um bar para um dia da semana específico, que é quarta-feira. Novamente, notamos que esse tipo de verbo é usado pragmaticamente com o intuito de acompanhar a rotina diária das pessoas.

O aspecto verbal toma a ação como acabada ou inacabada, considerando todo o seu processo. No anúncio acima e nos exemplos que analisamos até aqui, observamos que há uma tendência de esses verbos serem usados sempre em situações pontuais que estão em seu curso, ou seja, dentro de um recorte temporal em que há possibilidades de acontecimentos e ações, mas não uma

ação específica. Portanto, no anúncio 10, há um convite para vivenciar a quarta-feira num lugar específico em um programa de lazer, ou seja, num primeiro contato com esse texto, o interlocutor vai aderir ou não à proposta oferecida pelo anúncio, de modo que, caso aceite, irá vivenciar, dar forma ao estado de coisas inerentes ao verbo *quartou* no contexto acima.

6 O verbo, por meio de suas desinências, revela informações de caráter modal

O verbo apresenta informações que se referem ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos. Analisemos a figura 11, a seguir:

Figura 11 – Verbo *Domingou*



Fonte: Disponível em: <https://www.circuitodenoticias.com.br/noticia/12644/cafe-da-serra-tem-lanches-com-batata-rustica-em-todo-o-cardapio-neste-domingo>. Acesso em: 20 ago. 2020.

No exemplo 11, observamos novamente que o verbo possui a desinência modo temporal *-ou* e está conjugado, portanto, no pretérito perfeito do indicativo, transmitindo uma certeza do evento que ele expressa. Entretanto, na perspectiva do uso e observando o contexto enunciativo, a ação de *domingar* está condicionada a

uma adesão do interlocutor, já que para vivenciar o estado de coisas que é proposto no anúncio, é preciso comprar o produto oferecido, os lanches. Então, não há a certeza de uma ação pontual que está sendo realizada, mas a nomeação da realidade por meio de um verbo e, ao contrário do que revela a desinência, não podemos afirmar que há uma ação localizada no passado que, de fato, aconteceu. Em face do exposto, afirmamos novamente que o uso desses neologismos vai além dos ditames formais da gramática, revelando o dinamismo da língua em uso.

7 O verbo tem a opção de voz

A voz está relacionada à possibilidade de colocar em evidência ora um, ora outro participante do processo expresso pelo verbo. Ilari e Basso (2014) defendem que essa ideia é mais abrangente do que a que é proposta pelas gramáticas tradicionais, já que permite perceber que há fenômenos de voz mesmo em sentenças nas quais ninguém pratica uma ação ou sofre seus efeitos. Observe-mos o exemplo a seguir.

Figura 12 – Verbo Quintou



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/bar33prudente/photos/a-cerveja-j%C3%A1-t%C3%A1-gelando-aqui-no-bar-33-o-dia-%C3%A9-perfeito-para-voc%C3%AA-vir-com-amigos/2388026824570829/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

No exemplo 12, que é um anúncio de um bar, não notamos, estruturalmente, um uso em que há voz passiva ou voz ativa, nos ditames da gramática. Fato é que temos uma oração com o verbo denominial *quintou*, sem revelar agentes ou pacientes associados a esse uso verbal. De outro modo, não há um sujeito gramatical, mas há um sujeito pragmático, discursivo, que, na verdade, é interlocutor do anúncio, que, ao aderir à proposta feita pelo bar, irá materializar, dar forma ao estado de coisas que é sugerido por meio do verbo *quintou* no contexto em análise.

Portanto, o uso dos verbos denominais que analisamos até aqui não tem a intenção de colocar em evidência participantes específicos do evento, porém, percebemos a existência de uma voz discursiva, a qual extrapola as questões formais inerentes à estrutura morfológica desses verbos.

Ademais, tomando o conceito de *nome* proposto por Câmara Júnior (1986), verbos como *sextou* e *cinquentou* fazem parte da categoria dos *verbos denominais*, visto que se formam a partir de um *nome*. Assim, os usuários da língua, para se expressar, formam palavras novas, a partir de um *nome*, para indicar objetos, estados, eventos e processos, como é o caso dos verbos aqui analisados, em cujo processo de formação estão envolvidos não só aspectos morfológicos, mas aspectos pragmáticos e sociais.

Verificamos também, pelas nossas buscas, que esse tipo de verbo é mais utilizado em contextos informais, predominantemente em textos publicitários, o que pode ser explicado em função do fato de que, nesse gênero textual, há um maior espaço para o lúdico. Assim, podemos afirmar que o léxico da língua portuguesa representa um conjunto de possibilidades que não se limitam às regras da gramática normativa, mas às regras que são inerentes à gramática do uso, as quais o falante reconhece e usa de acordo com as suas necessidades comunicativas.

Considerações finais

No presente estudo, conforme já referido, ativemo-nos ao tema processo de formação de novos verbos na língua portuguesa. O nosso objetivo geral foi fazer um estudo sobre os padrões de formação e de uso de alguns verbos que vêm emergindo no português brasileiro, como *sextou*, *sabadou* e *cinquentou*. Para isso, tomamos a concepção de *nome* proposta por Câmara Júnior (1986), o que nos levou a considerar tais formações neológicas como verbos denominais.

Os objetivos específicos que delineamos foram: i) analisar a estrutura de formação de alguns verbos denominais que têm surgido no português contemporâneo e que são provenientes de numerais ou dos nomes referentes aos dias da semana, como *domingou*, *segundou*, *terçou*, *quartou*, *quintou*, *sextou* e *sabadou*, ou seja, a morfologia que é inerente a essas formas verbais neológicas; além disso, ii) discutir o funcionamento desses verbos numa perspectiva linguística, tomando como parâmetro a proposta teórica de Ilari e Basso (2014), já que esses autores apresentam oito funções que os verbos podem exercer, numa abordagem que extrapola os moldes formais da gramática normativa.

As conclusões a que chegamos foram as de que, tomando a concepção de *nome* proposta por Câmara Júnior (1986), verbos como *sextou*, *sabadou*, *domingou* e *cinquentou*, por exemplo, fazem parte da categoria dos *verbos denominais*, visto que se formam a partir de um nome. Além disso, percebemos que esses verbos tendem a ser utilizados, na maioria das vezes, com uma desinência que indica a terceira pessoa do singular, modo indicativo. Isto é, há uma morfologia que é inerente ao uso dessas formas neológicas.

A análise nos possibilitou ratificar que o falante, ao formar e usar esses verbos não está transgredindo a língua, ou seja, contribuindo para o 'caos linguístico', já que observamos, nesse processo de formação, uma sistematicidade que é licenciada pelo próprio sistema linguístico. Na verdade, é o léxico em sua dinâmica natural de funcionamento.

Além disso, verificamos que os usuários da Língua Portuguesa tendem a utilizar os verbos denominais que analisamos aqui para indicar objetos, estados, eventos e processos, e não apenas ações que são situadas no eixo temporal. Em outras palavras, tais verbos são usados para representar a vida, o cotidiano das pessoas em suas práticas sociais. A análise linguística nos possibilitou verificar que, na formação desses verbos, estão envolvidos não só aspectos morfológicos, mas também aspectos pragmáticos, discursivos e sociais. Também notamos que o uso desses verbos tem sido muito recorrente em textos que circulam na internet, em contextos informais, predominantemente em textos publicitários.

Referências

- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial: 2009.
- BASSANI, I. S. **Formação e interpretação dos verbos denominais no português do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112009-144713/pt-br.php>. Acesso em 24 de ago. 2020.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAMARA, JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática:** referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48. Ed. São Paulo: IBEP, 2008.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, C. A. **História do português.** São Paulo: Parábola, 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FREITAS, Marcela Martins de. **Tempo gramatical e aspecto**: descrição e ensino. 2019. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 2019.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*. ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.